

Universidade Federal da Bahia
Instituto de Psicologia
Teoria da Clínica Psicanalítica

Adonai Estrela Medrado
(adonaimedrado@hotmail.com)

Fenômenos mnêmicos e recalque: colaborações para uma teoria da memória.

Salvador
2010

Adonai Estrela Medrado

Fenômenos mnêmicos e recalque: colaborações para uma teoria da memória.

Ensaio apresentado à disciplina Teoria da Clínica Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a conclusão da disciplina em 2010.1.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Coutinho

Salvador
2010

Resumo

Este ensaio tem por objetivo colaborar na construção de uma teoria da memória baseada na psicanálise. A premissa de partida é que em torno do mecanismo de recalque há elementos que se relacionam intimamente com fenômenos mnêmicos. O método priorizou leituras da obra de Freud. Já no início, o ensaio mostra a associação, de forma não exclusiva, do fracasso de recordar e das falsas lembranças ao recalque. Prossegue-se com os conceitos psicanalíticos sobre sonhos para apresentar a noção de hipermnésia como uma espécie de supermemória utilizada diferentemente pelo consciente e pelo inconsciente. Com a ligação entre recalque e memória estabelecida, toma-se a condensação e o deslocamento e interpreta-os como formas de associações mnêmicas que pressupõem obrigatoriamente a hipermnésia. Conclui-se que para construção de uma teoria da memória baseada na psicanálise é necessário uma leitura cuidadosa da obra de Freud atentando-se para problemas de tradução e imprecisões vocabulares.

Palavras-chave: teoria da memória; incapacidade de lembrar; falsas lembranças; hipermnésia; recalque.

Sumário

| | |
|--|----|
| 1 Introdução | 4 |
| 2 A construção do conceito de memória em Freud | 5 |
| 3 Recalque: a pedra angular da psicanálise | 10 |
| 4 Considerações finais | 13 |
| Referências | 14 |

1 Introdução

É difícil, para não dizer impossível, encontrarmos alguma tarefa executada por um humano que não dependa da memória. A simples leitura destas linhas exige que recorramos a uma série de informações que adquirimos ao longo de nossas vidas.

Muitas vezes, ocorre que somos incapazes de lembrar um número de telefone que vimos há poucos minutos, mas também acontece de nos lembrarmos de falas e de diálogos que tivemos há anos. Geralmente estes fatos são encarados com relativa naturalidade, porém quando paramos para refletir, pode-se notar relativa incoerência (como e por que se lembrar de algo de anos atrás, mas não se recordar de outra coisa que ocorreu há minutos?).

Também com frequência acontece de um fato que temos claramente na memória como real e verdadeiro não ser lembrado pelos outros envolvidos no evento, ou, quando é recordado, sua versão dos fatos possui diferenças importantes.

Nestes casos e em diversos outros, a curiosidade nos faz buscar uma teoria da memória capaz de explicar nosso próprio comportamento. Empenho-me neste artigo em colaborar nesta jornada. Restringirei meu objetivo a tentar encontrar em Freud elementos que relacionem memória e lembrança. Parto da hipótese de que entorno da pedra angular da psicanálise (recalque) há elementos que permitem esboçar colaboração para uma teoria da memória.

2 A construção do conceito de memória em Freud

Um dos primeiros artigos em que Freud se dedica ao fenômeno da memória foi escrito em 1898 e encontra-se sob o título de “O mecanismo psíquico do esquecimento”. Já neste trabalho, o próprio Freud faz inúmeras relações entre a memória e o recalque, porém é necessário efetuar uma leitura cuidadosa deste material, pois ele se encontra no início da obra deste autor, quando ainda acreditava que era função da psicanálise corrigir os recalques e deslocamentos pela instalação do verdadeiro objeto psíquico. Tratava-se da ideia, depois superada, de eliminação do sintoma pelo re-estabelecimento da lembrança “verdadeira”.

Tendo esta ressalva em mente, posso agora apontar a principal relação entre recalque e memória feita por Freud neste artigo. Para ele, “[...] entre os vários fatores que contribuem para o fracasso de uma recordação ou para uma perda de memória, não se deve menosprezar o papel desempenhado pelo recalçamento” (FREUD, 1997 [1898]). Parece-me claro que sua intenção nunca foi afirmar que o recalque é responsável por tudo aquilo que falhamos em lembrar, porém que ele exerce uma influência substancial em nossa capacidade de recordar.

Devo esclarecer meu entendimento do termo lembrar (e do seu sinônimo recordar) e suas implicações. Quando dizemos cotidianamente que não conseguimos lembrar algo, estamos na verdade querendo dizer que “não conseguimos lembrar naquele momento”. A maioria das pessoas com quem eu conversei sobre este tema concorda com esta minha concepção por já ter passado pela situação de não se lembrar de algo em um momento, mas depois vir a se lembrar.

Este “vir a lembrar” implica obrigatoriamente que o sujeito estava de posse da memória, somente não foi capaz, naquele momento, de recapturá-la. Assim, aproximo-me de uma ideia que Freud já esboçava neste artigo: o sujeito tem uma grande capacidade de memória – chamada posteriormente de hipermnésia (FREUD, 1997 [1900]). Porém, isto não significa que a lembrança provoque qualquer efeito terapêutico, apenas caracteriza uma potencialidade do sujeito da psicanálise.

Esta grande capacidade de memória não acarreta uma grande capacidade de lembrança a qualquer momento. O ato de lembrar se sujeita a “[...] restrições por uma tendência da vontade [...]” (FREUD, 1997 [1898]). Esta “vontade” não é

necessariamente um ato consciente, muito pelo contrário. Considerando que o sujeito não apenas verbalize não se lembrar, mas de fato não esteja se lembrando, há algo que escapa do seu controle consciente. Por este motivo “[...] não se deve menosprezar o papel desempenhado pelo recalçamento” (FREUD, 1997 [1898]). Por ora, irei explicar esta relação entre memória e recalçamento através de uma constatação de Freud de que a facilidade do lembrar sofre influência, dentre outros aspectos, de uma “[...] recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequentemente levar a liberação de desprazer” (FREUD, 1997 [1898]). Com base nestas primeiras observações, posso colocar em destaque a resistência como um dos elementos que torna às vezes tão difícil o acesso a determinados conteúdos da memória.

Repito: é perigoso e reducionista afirmar que tudo que temos dificuldade de lembrar está necessariamente associado a algo da ordem do recalque. Pode haver outros aspectos envolvidos os quais foram também reconhecidos por Freud ainda neste mesmo trabalho. Dentre eles, gostaria de citar a relação entre o estado psíquico da ocasião do evento e do momento em que se tenta recordar. Lembranças tristes tendem a ser mais facilmente recordadas em momentos de maior tristeza, assim como lembranças alegres em estados de maior alegria. Isto é facilmente constado em um momento de discussão com outro sujeito quando, geralmente, lembramo-nos de coisas que nos desagradam com relação a ele e temos dificuldade de lembrar coisas que nos agradam. Em fenômenos como este, não cabe uma explicação pela via do recalque. Assim, o recalque não é o único elemento que influencia a memória, mas apenas um deles.

No artigo em questão, Freud utiliza-se de expressões como “recalçamento da lembrança de um nome”, “resgatando-o do recalçamento” e “representações recalçadas”, mas uma das grandes contribuições deste trabalho está na constatação de que pode ocorrer ao invés de uma lembrança “verdadeira”, uma lembrança decorrente de um deslocamento dos representantes recalçados.

Essa questão foi aprofundada no artigo posterior “Lembranças encobridoras” de 1899. Freud chama lembrança encobridora (ou lembranças deslocadas) o resultado de um processo de deslocamento. Em uma lembrança deste tipo esconde-se algo de mnêmico (que reflete um evento que aconteceu efetivamente) e algo de fantasia (ligado a um desejo recalçado).

Na obra, estas “lembranças” são ilustradas através de recordações da infância que trazem situações aparentemente irrelevantes. Para Freud (1997 [1899]), isto é uma contradição à tendência da relação direta entre importância psíquica da experiência e capacidade de recordá-la. Uma lembrança aparentemente irrelevante e recorrente pode não ser de fato uma lembrança e sim uma construção. Esta constatação obriga Freud a enunciar: “Em geral, não há nenhuma garantia quanto aos dados produzidos por nossa memória” (FREUD, 1997 [1899]).

Sempre pode haver algo de construído na memória. A ponte entre o mnêmico e a fantasia geralmente é a linguagem (limitada por Freud neste artigo à “expressão verbal”). Por este motivo, muitas vezes a memória nos “prega peças”. Também por isto as outras pessoas “que estavam lá” não se lembram de nada, ou lembram-se de uma versão diferente. Penso que posso falar nestes casos de uma construção de verdades mnêmicas às quais nos apegamos e não queremos abrir mão.

Freud fornece elementos para suspeitarmos de que estamos diante de uma lembrança encobridora:

Sempre que numa lembrança o próprio sujeito assim aparecer como um objeto entre outros objetos, esse contraste entre o ego que age e o ego que recorda pode ser tomado como uma prova de que a impressão original foi elaborada (FREUD, 1997 [1899])

Aparecer como objeto é ver-se como um terceiro, projetado na cena, e não como alguém que está participando em primeira pessoa do ato. Por outro lado, a imprecisão dos detalhes não implica indícios de uma lembrança encobridora.

Há outra questão importante que foi destacada neste artigo: a lembrança encobridora aparece necessariamente em momento posterior, ou seja, após a ocorrência do traço mnêmico e quando já existe o recalçamento que deu origem à fantasia. Esta condição acarreta necessariamente numa memória existente como suporte e que foi utilizada pelo mecanismo inconsciente, porém a memória matéria-prima geralmente permanece desconhecida.

Esta mesma lógica de pensamento quanto às lembranças encobridoras foi repetida em Freud com relação aos sonhos quando afirmou que “Todo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho [...]” (FREUD, 1997 [1900]). Da mesma forma em que nas “lembranças” encobridoras, Freud ressalva que nos sonhos nem sempre o material mnêmico que serve de suporte está acessível no

estado de vigília. Ou seja, um material mnêmico que não acreditamos ter aparece no sonho. Evidencia-se a característica de memória que venho tentando mostrar: o conteúdo da memória não se limita àquilo que conseguimos lembrar em um momento específico.

Freud reconhece isto mais uma vez quando aponta que parte do material para os sonhos pode vir de fatos da infância que dificilmente nos recordaríamos. Desta forma, o mecanismo do sonho parece não trabalhar com os mesmos limites temporais e níveis de detalhe que o estado de vigília. Por esta razão, acredito ser plausível concordar que há algo de hipermnésico no sujeito, algo próximo de uma supermemória, mas que não está totalmente sob controle consciente.

Nota-se, entretanto, uma diferença no modo operativo entre a memória onírica e a memória em vigília. Conforme afirma Freud (1997 [1900]), nos sonhos a lembrança geralmente são de fatos que damos pouca importância no estado de vigília. O que reforça a tese da hipermnésia, pois se temos acesso tanto aos elementos importantes quanto aos menos importantes, significa afirmar que guardamos em nossa memória além do que imaginamos como relevante e essencial. Mais ainda, como os sonhos são capazes de fazer uso de elementos "sem importância" da infância, eles colocam em xeque a questão do esquecimento, pois saber o que de fato somos permanentemente incapazes de lembrar fica extremamente difícil. Quanto a isto Freud destaca: "O fato de os sonhos serem hipermnésicos e terem acesso ao material proveniente da infância tornou-se um dos pilares de nossa doutrina" (FREUD, 1997[1900]).

Ainda no que se refere aos sonhos cabe falar da incapacidade de lembrá-los. É muito intrigante a naturalidade com que encaramos o fato de sonharmos e não conseguirmos nos lembrar do sonho. Freud oferece algumas explicações dentre elas o fato de recordarmos com mais facilidade dos eventos e informações que conseguimos associar. Constata-se isto na dificuldade encontrada ao tentar decorar uma sequência de números ou de nomes desconexos sem utilizar nenhuma técnica específica. A maioria das pessoas utilizaria como "técnica" para tal tarefa a repetição dos elementos da lista, entretanto a maneira mais fácil e eficaz é através de correlação entre os elementos.

É um tipo similar de relação associativa que está ausente e que trabalha para impedir a lembrança de um sonho. Como já afirmado anteriormente, existe uma diferença entre a capacidade mnêmica dos sonhos (memória de detalhes tidos como

irrelevantes) e a memória de vigília (memória de eventos e informações "importantes"). Esta diferença nos criaria certa dificuldade de fazer relações entre os dois estados mentais e, assim, nos impede de, normalmente, lembrar as composições oníricas, pois "Nada existe que nos possa ajudar a nos lembrarmos delas" (FREUD, 1997 [1900]). Mas, quando em momento subsequente, algo nos acontece que nos remete ao sonho, acontece a lembrança.

Ainda com relação aos sonhos, outro processo bastante relevante é abordado por Freud: "[...] na verdade não temos nenhum conhecimento dos sonhos que nos dispomos a interpretar ou, falando mais corretamente, que não temos nenhuma garantia de conhecê-los como realmente ocorreram" (FREUD, 1997 [1900]). Há aquilo que Freud chama de "infidelidade de nossa memória", mas que eu prefiro chamar de "infidelidade no lembrar". Trata-se de algo que nos impede de recordar completamente do sonho e de fazê-lo de forma exata, ou seja, Freud acredita ter "[...] razões para suspeitar de que nossa lembrança dos sonhos não só é fragmentada, mas decididamente inexata e falsa" (FREUD, 1997 [1900]). Aborda-se aí a provável falta de relação inequívoca entre aquilo se acha que sonhou e é dito e aquilo que foi efetivamente sonhado. Quando contamos o sonho elaboramos. Este processo foi chamado por Freud de elaboração secundário e faz parte de uma construção que também deve ser considerada no processo de interpretação dos sonhos. Mas para fins dos estudos que proponho, gostaria de destacar que na elaboração secundária há a criação de uma memória, pois seu objetivo é, dentre outros, "Tirar a aparência de absurdo e de incoerência do sonho, tapar os seus buracos, remanejar parcial ou totalmente seus elementos realizando uma escolha entre eles e fazendo acréscimos [...]" (LAPLANCHE, 2001, p. 145).

Concluo a primeira parte deste trabalho enunciando o que me parece essencial até aqui: a memória é hipermnésica. O próprio Freud enfatiza a importância desta tese na sua teoria: "O fato de os sonhos [e, portanto, a memória] serem hipermnésicos e terem acesso ao material proveniente da infância tornou-se um dos pilares de nossa doutrina" (FREUD, 1997 [1900]). Parte desta capacidade mnêmica está acessível conscientemente, parte não. Acredito que podemos falar em uma espécie de "filtro" que impede a tomada de consciência de alguns dos conteúdos da memória. Este "filtro" é operado pelo recalque e, por isto, será dele que me ocuparei na próxima seção.

3 Recalque¹: a pedra angular da psicanálise

Freud em 1914 afirma que “A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (FREUD, 1997 [1914]). Porém, antes de tecer qualquer comentário sobre o tema preciso esclarecer o que entendo sobre recalque. Para isto, gostaria de começar pela definição de Laplanche: “Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão” (LAPLANCHE, 2001, p. 430). Duas coisas se observam: trata-se de uma tentativa e está relacionado com uma pulsão. Como é tentativa, pode ter sucesso ou insucesso. Por estar ligada à pulsão, opera com um representante pulsional e é sob este representante que operam a maioria dos fenômenos que nos interessam agora.

Segundo Freud, o recalque pode ser observado facilmente em um neurótico, “Em tais casos encontra-se uma resistência que se opõe ao trabalho da análise e, a fim de frustrá-lo, alega falha de memória” (FREUD, 1997 [1914]). Desta forma, Freud inclui a falha de memória em uma resistência, mas cabe notar que ele se refere a um processo inconsciente. Nem a falha de memória, nem a resistência, nem o recalque operam na consciência. Não é correto afirmar que o sujeito não lembra porque não deseja (conscientemente) se lembrar. Ele não se lembra porque este representante foi recalçado por uma força que foge ao seu controle consciente.

Como exemplifica Laplanche, o representante pulsional pode ser, dentre outros, pensamentos, imagens e recordações. Acredito que posso ir mais longe e afirmar que o representante pulsional é tudo que é objeto da memória. Creio ter respaldo em Freud para fazer esta construção. Observemos que ele caracteriza o representante pulsional primeiramente como “[...] uma idéia, ou grupo de idéias, catexizadas com uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de um instinto” (FREUD, 1997 [1915]), mas posteriormente ele inclui também a quota de afeto como mais um elemento do representante pulsional (FREUD, 1997 [1915]).

Acho que não encontrarei muita resistência ao afirmar que nossa memória é capaz de manter não só ideias, mas também sentimentos e estados de espírito.

¹ A tradução brasileira das obras de Freud, em alguns momentos, utiliza-se do termo repressão ao invés de recalque, por este motivo, em algumas citações da obra de Freud aparecerão o termo repressão, mas meus comentários sempre utilizarão o termo recalque.

Exemplos não faltam para comprovar este último caso, como quando um artista tenta através da arte representar o amor, a saudade e ódio. Creio que no processo de criação é inevitável recorrer à memória.

Mas resta responder a questão do surgimento do recalque. Acredito que aquilo que motiva este processo é uma fuga do desprazer. Baseio esta minha construção em Freud quando ele afirma: “Se uma repressão não conseguir impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de ansiedade, podemos dizer que falhou [...]” (FREUD, 1997 [1915]). A falha na operação do recalque implica no desprazer.

Não ser capaz de lembra-se de algo pode significar que este algo é um (ou liga-se a um) representante pulsional que sofreu um processo de recalque. Porém, outra forma de operação vai além da simples não lembrança, desembocando nos mecanismos de deslocamento e condensação. Aí temos aquilo que venho chamando de construção de memória.

O mecanismo de deslocamento é definido por Laplanche (2001) como o “Fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se destacar dela para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa” (LAPLANCHE, 2001, p. 116). Em outras palavras, digo que o mecanismo de deslocamento é resultado de um uso inconsciente da característica associativa da memória o que termina por criar uma falsa lembrança, mas que possui elementos “verdadeiros”.

Penso que o mecanismo da condensação opera de uma forma associativa bem similar. Observemos que Laplanche o define como “Um dos modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes. Uma representação única representa por si só várias cadeias associativas, em cuja interseção ela se encontra” (LAPLANCHE, 2001, p. 87). Identifico então uma associação que difere da anterior por operar em direção à convergência unitária e não na direção duma transposição.

Seja a não lembrança ou a construção de uma memória (deslocamento ou condensação) há sempre uma força psíquica envolvida, pois “[...] a repressão exige um dispêndio persistente de força, e se esta viesse a cessar, o êxito da repressão correria perigo, tornando necessário um novo ato de repressão” (FREUD, 1997 [1915]). Existe uma pressão contínua do recalque em direção ao consciente o que exige um dispêndio ininterrupto de força para mantê-lo longe. Se esta força cessasse, o recalque correria risco e daria lugar ao desprazer ou à ansiedade.

Parece-me plausível a analogia que iniciei no final da seção anterior: o recalque funciona como um dos filtros da memória. Ele às vezes não deixa nada passar e em outras opera modificações que muitas vezes não são sequer percebidas.

4 Considerações finais

Creio que atingi meu objetivo de identificar os aspectos que relacionam o recalque à memória. No processo, evidenciei que Freud já percebia o valor da memória e de sua capacidade hipermnésica para a teoria psicanalítica, porém, acrescento que estas evidências aparecem em outros momentos da sua obra que não foram citados neste trabalho.

Observei que, seja por problemas de tradução da versão brasileira, seja por um desejo de se aproximar do público não-científico, falta na obra de Freud uma preocupação com a terminologia da memória. Nota-se ausência de consistência no uso de alguns termos e expressões. Confunde-se, por exemplo, a capacidade de lembrar com existência da informação na memória; mas, em outros momentos, difere-se omissão (incapacidade de lembrar) de esquecimento (inexistência na memória de algo que já esteve lá).

Tanto por esse motivo, quanto pela extensão da obra de Freud é necessária uma atenção na leitura quando se busca por referências ao tema memória. Os primeiros textos apresentam construtos que depois foram abandonados, mas nem por isto necessitam ser ignorados, apenas lidos com mais atenção. Mas uma coisa é certa: há elementos já nestes textos que colaboram para uma teoria da memória.

Referências

FREUD, Sigmund. O mecanismo psíquico do esquecimento. [1898]. In: FREUD, Sigmund. **Edição Eletrônica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. [1899]. In: _____.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. [1900]. In: _____.

FREUD, Sigmund. *Fluctuat nec mergitur* (no brasão da cidade de Paris). [1914]. In: _____.

FREUD, Sigmund. Repressão. [1915]. In: _____.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.